

La Comédiathèque

# A corda

Jean-Pierre  
Martinez



[comediatheque.net](http://comediatheque.net)

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.  
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,  
deve obter a autorização do autor:**  
<https://comediatheque.net>

# A corda

**Uma comédia de Jean-Pierre Martinez**

*Tradução pelo próprio autor*

Num país sob o jugo de um tirano, enquanto a protesto cresce e a repressão se intensifica, um médico e um padre confrontam-se sobre se o dever sagrado de suas respectivas funções prevalece ou não sobre o dos cidadãos que também são ambos. O assunto é nada mais que a vida ou morte do ditador e, portanto, a perpetuação do regime ou a aceleração de sua queda...

## **Personagens**

O médico

O padre

© La Comédiathèque

*O consultório de um médico militar, dentro do Palácio Presidencial. Nada permite localizar nem o lugar nem a época, mas, no alto da escrivaninha, o retrato majestoso de um general em uniforme e adornado com condecorações indica que a ação se passa num país sob o domínio de um tirano. O médico, com sua bata branca, está sentado atrás de sua escrivaninha. Pode ter qualquer idade, mas esta idade contribuirá evidentemente para a caracterização de seu personagem. Ele retira uma imagem médica de um arquivo, levanta-se e a examina à luz de uma janela imaginária situada do lado do público. O telefone toca. Ele volta para sua escrivaninha, guarda a imagem no arquivo e pega o auricular.*

**Médico** – Sim, sargento... Sim... Muito bem, faça-o entrar...

*Um padre com batina preta entra. Pode ser jovem ou velho, mas sua idade, e sua diferença de idade com o médico, influenciarão seu personagem e o relacionamento entre eles.*

**Sacerdote** – Capitão...

*O médico levanta-se para recebê-lo.*

**Médico** – Bom dia, Padre... Ou devo dizer tenente? Porque você também é militar.

**Sacerdote** – Os tempos dos monges soldados já passaram. Sou primeiro o capelão do Palácio. Como você é antes de tudo médico, imagino. Não temos vocação para sermos atribuídos a unidades combatentes, certo? Nossa missão é apoiar nossos camaradas e ajudá-los em caso de necessidade.

**Médico** – Ambos seríamos péssimos combatentes, receio.

**Sacerdote** – Posso chamá-lo de Doutor, se preferir.

**Médico** – Chame-me como quiser, Padre... Enquanto não me chamar de filho...

**Sacerdote** – Vou tentar lembrar.

**Médico** – De qualquer forma, obrigado por vir tão rápido. Na verdade, você é o primeiro. Mas por favor, sente-se... Posso lhe oferecer um café?

**Sacerdote** – Obrigado, não será necessário. (*Senta-se*) Então... é para uma vacina, eu acredito.

**Médico** – Não tem medo de agulhas, espero...

**Sacerdote** – Não... No entanto, confesso ter perdido meu cartão de vacinação.

**Médico** – Não se preocupe, nenhum dos meus pacientes foi capaz de me mostrar seu cartão de vacinação. Até eu mesmo não tenho certeza onde está o meu...

**Sacerdote** – Nesse caso, estou à sua disposição, Doutor.

**Médico** – Todos no Palácio passarão por isso, já sabe... Com todos os vírus que estão circulando neste momento... O General está em plena forma, mas já não tem vinte anos. Embora mal saia do Palácio, é preciso protegê-lo ao máximo de qualquer contágio que possa vir do exterior. Para isso, é necessário vacinar o seu círculo imediato. E todas as pessoas que possam estar em contato com ele.

**Sacerdote** – Claro. Antigamente chamava-se a isso o cordão sanitário, não é verdade...?

**Médico** – Esperemos que este método seja mais eficaz na medicina do que na política...

**Sacerdote** – Rezo pelo General todos os dias, mas sou perfeitamente consciente de que a ajuda da ciência não deve ser descartada.

**Médico** – Sim... Partilhamos a mesma tarefa, de certa forma. Como médico pessoal do General, velo pela saúde do seu corpo. Como seu confessor, você vela pela salvação da sua alma.

**Sacerdote** – E não sei quem tem a tarefa mais árdua...

*O médico parece surpreso com este comentário discretamente subversivo, que o encoraja a confiar.*

**Médico** – De facto, estamos a atravessar tempos difíceis. Como médico do Palácio, não estou diretamente confrontado com os problemas que os meus colegas têm de enfrentar, mas sei que nos últimos dias os feridos estão a chegar em massa ao hospital.

**Sacerdote** – As recentes revoltas têm causado muitas vítimas. Quando a medicina já não pode fazer nada por estes infelizes, às vezes vou dar-lhes algum conforto antes de entregarem a sua alma a Deus.

**Médico** – As revoltas... ou melhor, a sua repressão implacável.

**Sacerdote** – Não podemos permitir que o caos se instale, não é verdade...? Esperemos que se possa encontrar uma solução pacífica o mais rápido possível.

**Médico** – A esperança... Esse é o domínio da Igreja... A rua está mais inclinada para a exigência.

**Sacerdote** – Entre a esperança e a exigência, talvez haja lugar para a negociação. Não acredita na possibilidade de uma transição democrática?

**Médico** – Uma transição democrática...? Quando o líder da oposição acabou de ser preso e atirado para a prisão sem sequer um simulacro de julgamento?

**Sacerdote** – Não disse que aprovava esses métodos...

**Médico** – A repressão está a intensificar-se cada dia mais... Temor sobretudo por uma guerra civil. E quando uma guerra eclode, já não há lugar para compromisso. A paz só pode ser alcançada entre um perdedor condenado à rendição e o vencedor que dita as suas condições.

**Sacerdote** – Se houvesse uma guerra, só haveria perdedores... É crente, Doutor?

**Médico** – Vou à missa em família aos domingos... Pelo ambiente... Acredito em algumas coisas... Alguns valores...

**Sacerdote** – É um começo...

**Médico** – Gostaria de acreditar mais no seu Deus, Padre. Mas nos tempos que correm, não faltam razões para duvidar...

**Sacerdote** – Dizem que a prática faz o mestre. E por vezes, é rezando que se recupera a Fé... Por isso os ritos são tão importantes em todas as religiões.

**Médico** – Até agora, ia à igreja sobretudo para me sentir parte de uma comunidade. Mas no nosso país, os que vão à missa tornaram-se uma facção, da qual não estou certo se quero continuar a fazer parte.

**Sacerdote** – A Igreja tem sido instrumentalizada pelo poder em todas as épocas, infelizmente.

**Médico** – Alguns consideram-na simplesmente um instrumento do poder.

**Sacerdote** – Por isso primeiro é preciso acreditar em Deus, mesmo quando se desconfia da Igreja.

**Médico** – Antes de acreditar em Deus, acredito que é preciso acreditar no Homem. Acredita no Homem, Padre?

**Sacerdote** – Acredito na possibilidade da sua redenção perante Nosso Senhor. De resto, sigo a Lei dos homens.

**Médico** – Já vejo... Dar a César o que é de César... e lavar as mãos. Mesmo quando César se tornou um tirano?

*O padre parece desconfortável.*

**Sacerdote** – A minha vocação é ouvir, Doutor. E não tenho alma de delator. No entanto, recomendo prudência. Estamos no Palácio, não num confessionário, e aqui as paredes às vezes têm ouvidos...

**Médico** – Vamos, Padre... Você não é um monge. Não vive num mosteiro, afastado do mundo. Ao não fazer nada, nós avalizamos, você sabe bem... Você também tem uma responsabilidade...

**Sacerdote** – Claro... Nenhum de nós pode eximir-se das suas responsabilidades. Sou apenas um homem, como o senhor. Os padres também têm pecados para confessar, sabe...

**Médico** – A confissão de um padre não deve ser tão terrível de ouvir... A vaidade... A gula... A tentação... Ouvir a de um ditador sanguinário, cada domingo antes da missa... Ter que absolvê-lo dos seus crimes... Certamente não é fácil...

**Sacerdote** – Permita-me guardar neste ponto o segredo que a minha função me impõe... Mas tenho a sensação de que é um problema mais específico que o preocupa...

**Médico** – De facto, não é apenas por uma vacina que o fiz vir.

**Sacerdote** – Estou a ouvir...

*O médico parece hesitar.*

**Médico** – Não sei se conhece esta história. Quando era criança, Hitler caiu num rio em pleno inverno. Um companheiro atirou-se à água arriscando a sua vida para o salvar. Esse jovem herói tornou-se padre...

**Sacerdote** – Não conhecia essa história... E qual é a lição que tira dela?

**Médico** – Se essa alma bondosa tivesse deixado o jovem Adolf afogar-se, o curso da história teria sido diferente, não é verdade?

**Sacerdote** – Provavelmente...

**Médico** – Diz-se que de um mal às vezes pode surgir um bem. Assim como uma boa ação também pode gerar uma catástrofe.

**Sacerdote** – Às vezes, sem dúvida.

**Médico** – Daí esta pergunta filosófica, que quase poderia ser um tema de exame – Realmente é fazer o bem salvar a vida de um tirano que está se afogando?

**Sacerdote** – Mas nessa história, tratava-se apenas de uma criança...

**Médico** – Sim...

**Sacerdote** – Uma criança cujo destino não estava necessariamente selado.

**Médico** – De facto...

**Sacerdote** – O destino dessa criança poderia ter sido completamente diferente se a sua vida futura tivesse sido diferente. Se, por exemplo, não tivesse falhado duas vezes no exame de admissão à Academia de Belas Artes de Viena, talvez se tivesse tornado pintor...

**Médico** – É uma possibilidade.

**Sacerdote** – Também vai responsabilizar os examinadores pelo que aconteceu depois com o Holocausto?

**Médico** – Não sei...

**Sacerdote** – No final, o destino de um homem resulta de uma multiplicidade de casualidades sucessivas.

**Médico** – E se todas essas casualidades não fossem realmente tais? E se fôssemos apenas os pobres efeitos das múltiplas causas que nos determinam? E se tudo já estivesse escrito?

**Sacerdote** – Nesse caso, já estava escrito que Hitler escaparia do afogamento. E que falharia no seu exame de admissão a Belas Artes. E ninguém é responsável pelo que Hitler fez depois. Exceto ele próprio, claro.

**Médico** – Para si, o determinismo ainda está sujeito ao livre arbítrio?

**Sacerdote** – O que é certo é que ninguém pode prever o futuro com certeza. Como médico, salva vidas. Vidas de crianças também. Sem saber o que serão essas crianças...

**Médico** – Sim, mas se soubesse... É apenas uma hipótese. Se fosse eu a ver o jovem Adolf a afogar-se. Sabendo o que ele viria a ser. Um monstro...

**Sacerdote** – É uma hipótese absurda, disse-lhe... E então? Deixaria que essa criança se afogasse...?

**Médico** – É a pergunta que me faço... (*O médico dirige-se ao público*) Que vos faço...

*O sacerdote fica paralisado, como se o tempo se detivesse, e uma mudança de luz indica que esta direção ao público, que quebra a quarta parede, é como um parêntese no desenvolvimento do espetáculo.*

**Médico** – Imaginem... Andam junto a um rio e veem uma criança a afogar-se. Sabem que essa criança é Adolf Hitler. Estendem-lhe uma corda para o tirar dali ou não...? Nem sequer se trata de arriscar a vossa vida atirando-se à água. E, pelo contrário, podem perfeitamente fingir que não o viram. Não têm que escolher entre o heroísmo e a omissão de socorro, apenas têm que tomar uma decisão. Ele pede-vos ajuda. O que fazem? Salvam-no ou deixam-no morrer? Não é fácil responder a esta pergunta, verdade?

*Um momento.*

**Médico** – Quem oferece uma corda para ele? Levante a mão... (*Tempo para o público levantar a mão ou não*) Quem olha para o outro lado e segue seu caminho? Levante a mão (*Tempo para o público levantar a mão ou não*) Certo... E agora... se não fosse o jovem Hitler, mas sim um político que poderia se tornar um tirano se fosse eleito. Eu não sei, alguém como vocês sabem quem... Vocês ofereceriam uma corda para salvá-lo ou não...? Não é fácil, não é? Existe uma única resposta baseada na moral para esta pergunta, ou deve ser analisada caso a caso? E então, onde está o limite? Com base em quais critérios você salva um e deixa o outro morrer?

*Voltamos à luz e à situação anterior, como se este aparte nunca tivesse ocorrido. E continuamos a ação de onde a deixamos.*

**Sacerdote** – Sinto que seu questionamento não é apenas teórico.

**Médico** – De fato, preciso de um conselho. Mas como você disse, não estamos em um confessionário...

**Sacerdote** – Se desejar, posso ouvi-lo em confissão.

**Médico** – E então, você não poderia revelar a ninguém o que eu disser...?

**Sacerdote** – É o princípio do segredo da confissão, de fato. Como o do segredo médico.

**Médico** – Desculpe, mas... nos tempos que correm, não me vejo esperando minha vez para me confessar.

**Sacerdote** – Um padre pode ouvir uma confissão em qualquer lugar.

**Médico** – Aqui? Agora?

**Sacerdote** – Como capelão deste Palácio, estou à sua disposição.

**Médico** – Muito bem, então quero me confessar, Padre...

*O sacerdote muda sua postura de conversa para confissão, enquanto se benze.*

**Sacerdote** – Juntos, oremos para que Deus nos dê a graça de reconhecer nossos pecados.

**Médico** – Amém...

**Sacerdote** – Estou ouvindo, meu filho.

**Médico** – Tenho um dilema moral para lhe apresentar, Padre.

**Sacerdote** – Farei o possível para iluminá-lo. Segundo os princípios de Nosso Senhor.

**Médico** – Examinei o General há algumas semanas. Um exame de rotina. E detectei nele uma anomalia cardíaca... que foi posteriormente confirmada por outros exames.

**Sacerdote** – Uma anomalia...?

**Médico** – Um aneurisma da aorta abdominal, para ser mais preciso... Sim, até os ditadores têm coração, sabe...

**Sacerdote** – É lamentável, de fato... E é grave, imagino...?

**Médico** – Sim.

**Sacerdote** – Mas pode ser tratado.

**Médico** – Com cirurgia e tratamento adequado, sim. Se detectado a tempo.

**Sacerdote** – Então, qual é o dilema para você?

**Médico** – Se informar esta anomalia a um dos meus colegas, o General será tratado e continuará vivendo por anos...

**Sacerdote** – E...?

**Médico** – Se não informar, ele morrerá nas próximas semanas. Talvez amanhã. E provavelmente a ditadura não sobreviverá sem ele...

*O padre permanece em silêncio por um momento.*

**Sacerdote** – Você não está pensando seriamente nisso, certo?

**Médico** – É uma oportunidade única de mudar o curso da história, não é? De derrubar este regime salvando a vida dos opositores que são fuzilados diariamente nos pátios das prisões. Ou que caem sob as balas da polícia enquanto protestam nas ruas. Você mencionou antes a possibilidade de uma transição democrática...

**Sacerdote** – Condenando à morte um dos seus pacientes que confiou sua vida em suas mãos?

**Médico** (*citando o juramento hipocrático*) – Nunca provocarei a morte intencionalmente. Primum non nocere...

**Sacerdote** – Primeiro, não fazer mal...

**Médico** – Por isso mesmo falei de um dilema moral... Hoje, devo arbitrar entre dois mandatos contraditórios. O médico me ordena ver apenas o doente e tratá-lo. O cidadão me diz que considere os crimes deste homem e o deixe morrer para evitar que cometa mais.

**Sacerdote** – Você também esquece o militar, que deve obedecer ordens.

**Médico** – Obedecer ordens... Sob esse critério, nos Julgamentos de Nuremberg, só teria absolvições. Todos alegavam apenas seguir as ordens de seu líder...

**Sacerdote** – Estava buscando meu conselho, não estava?

**Médico** – Não me comprometi a segui-lo... Mas estou ouvindo...

**Sacerdote** – Que o médico cumpra com seu dever, respeitando seu juramento. Depois, o militar é livre para não seguir ordens que considere indignas. E o cidadão é livre para se rebelar, entregando-se, se necessário, a atos de resistência.

**Médico** – Mas hoje em dia, o militar e o cidadão são impotentes diante de um aparato repressivo de eficácia terrível. Apenas o médico tem o poder de pôr fim à ditadura, precipitando a morte do ditador...

**Sacerdote** – Como médico, você se atribui o poder de vida e morte sobre seus pacientes? Você se faz de Deus?

**Médico** – Já que o seu Deus permite que um tirano permaneça no poder, os homens devem intervir para derrubá-lo do seu pedestal.

**Sacerdote** – Mas como médico, você está investido de uma função sagrada, assim como eu. Todo homem tem direito a ser tratado, sem consideração por suas ações passadas, assim como todo culpado tem direito a ser defendido, independentemente de seus crimes.

**Médico** (*irônico*) – E todo pecador tem direito a ser perdoado, independentemente da gravidade de seus pecados, não é?

**Sacerdote** – Se ele se arrepende sinceramente, sim.

**Médico** – Alguma vez o General confessou a você que se arrependeu de seus crimes?

**Sacerdote** – Isso também está sujeito ao segredo que um confessor deve guardar.

**Médico** – Mesmo que ele se arrependa, isso não o impede de continuar matando impunemente todos os seus opositores. Como diretor de consciência, se me permite, parece que você não tem muita influência sobre ele.

**Sacerdote** – Assim como você, os tiranos estão convencidos de que estão trabalhando para o bem do povo. Alegam agir conforme sua fé e muitas vezes se apresentam como defensores da religião...

**Médico** – Parece que ele não está convencido disso.

**Sacerdote** – Não me cabe julgar... Acredito no arrependimento e no perdão. E escolhi servir a Deus.

**Médico** – E eu aos homens.

**Sacerdote** – Sim. A todos os homens. Sem exceção. Médicos, padres, advogados... somos as únicas pessoas em quem até mesmo o pior dos homens pode ter uma confiança absoluta. Essa é nossa missão. É uma tarefa difícil e pouco reconhecida, mas é essencial. Somos o último bastião contra a barbárie. E o último recurso para aqueles que todos já condenaram, mas em quem ainda existe uma centelha de humanidade.

**Médico** – Certo, mas enquanto discutimos, cidadãos estão sendo mortos a tiros ou torturados.

**Sacerdote** – E planeja salvar a humanidade por meio da perjúria e do assassinato? Afirma acabar com uma tirania empregando os métodos do tirano? Abandonando o juramento que fez solenemente perante seus colegas?

**Médico** – Eu disse a você. Não é uma decisão fácil...

*O sacerdote se congela e a luz muda para um novo aparte com o público.*

**Médico** (*para o público*) – Se fossem médicos, o que fariam no meu lugar em uma situação assim? (*Pega o prontuário de sua mesa e mostra ao público*) Quem enviaria o prontuário a um colega para salvar a vida deste general? Levante a mão. (*Tempo necessário para permitir que parte do público levante a mão*) Quem guardaria este prontuário em uma gaveta e deixaria este tirano morrer? Levante a mão. (*Tempo necessário para permitir que parte do público levante a mão*). Mas vocês não são médicos, não é verdade...?

*A luz volta ao normal e a ação continua.*

**Sacerdote** – Você é a favor da pena de morte, Doutor?

**Médico** – Não... Em circunstâncias normais, não.

**Sacerdote** – Está a favor ou contra a pena de morte. Não pode haver exceções. A vida é sagrada. Mesmo nos países laicos, foi em nome desse princípio que a pena de morte foi abolida... Para não negar definitivamente toda humanidade mesmo ao pior dos criminosos... e para afirmar ainda a possibilidade, mesmo que mínima, de redenção.

**Médico** – Sou a favor do aborto. E em certos casos de eutanásia. Como médico, às vezes posso ter que causar a morte. E assim, violar o juramento hipocrático. Mas agora devolvo a pergunta. Você é a favor do respeito pela vida em todas as circunstâncias?

**Sacerdote** – Como padre, sim.

**Médico** – Então, é contra o aborto, mesmo em casos de estupro ou gravidez que coloque a vida da mãe em perigo? Você também é contra abreviar o sofrimento insuportável de alguém para quem a medicina já não pode fazer nada?

**Sacerdote** – Como ser humano, não sou insensível ao sofrimento humano...

**Médico** – Então, você às vezes coloca o homem antes do sacerdote para responder às difíceis questões que a realidade nos apresenta. Em vez de se refugiar atrás de grandes princípios morais que às vezes levam a decisões desumanas.

**Sacerdote** – Como sacerdote, não tenho o poder de tirar a vida de ninguém... Mas se um médico me confessasse ter feito isso em circunstâncias muito específicas e se arrependesse sinceramente, eu o absolveria.

**Médico** – Nesse caso, só precisaria me confessar após a morte do General. Para aliviar minha consciência e a sua.

**Sacerdote** – Então, você tomou sua decisão?

**Médico** – Além disso, você se compromete a me absolver.

**Sacerdote** – Você está considerando conscientemente deixar um homem morrer. Não posso absolvê-lo antecipadamente.

**Médico** – Afinal, o General já está idoso... Estarei apenas antecipando sua morte por alguns meses. Talvez alguns dias... Não podemos realmente falar de assassinato... Vamos dizer que é evitar a obstinação terapêutica.

**Sacerdote** – Você está brincando com as palavras. Mas não posso permitir que cometa tal abominação.

**Médico** – Você iria me denunciar?

**Sacerdote** – É meu dever.

**Médico** – Lembro-lhe que está sujeito ao segredo de confissão.

**Sacerdote** – Claro, mas há exceções a essa obrigação de segredo... Se a vida de um homem estiver em jogo, em particular.

**Médico** – Confiei em você... E agora me diz que o segredo da confissão não é um princípio absoluto... No entanto, no passado, a Igreja ficou em silêncio sobre crimes muito mais abjetos...

**Sacerdote** – Se um homem me revela sua intenção de matar outro, ou de cometer um atentado, tenho o dever de informar a justiça. Mesmo segundo a lei dos homens, é meu dever absoluto. Caso contrário, seria uma omissão de socorro à pessoa em perigo... Um advogado, se souber que seu cliente planeja um assassinato, é obrigado a avisar a polícia. Um médico também, aliás, e você sabe muito bem disso.

**Médico** – Mas não vou matar ninguém. Apenas deixarei a natureza seguir seu curso... Deixarei Deus agir, por assim dizer.

**Sacerdote** – Invoca a Deus quando lhe convém. Mesmo que não acredite Nele.

**Médico** – Então você também vai renunciar ao seu juramento?

**Sacerdote** – Eu disse a você, trata-se de salvar uma vida. Não estou obrigado, neste caso, por nenhum juramento.

**Médico** – Mesmo que ao me denunciar para a polícia deste regime totalitário, você me condene à morte certa?

**Sacerdote** – Basta que faça seu dever de médico para escapar dessa condenação...

**Médico** – Farei meu dever de cidadão.

**Sacerdote** – Então, não me deixa escolha...

**Médico** – Tem certeza de que será o sacerdote, e não o oficial, quem me denunciará?

**Sacerdote** – Sou sacerdote antes de ser oficial. Mas sou homem antes de ser sacerdote. E o homem que sou não permitirá que tire a vida de um dos seus semelhantes.

*O telefone toca. O médico atende.*

**Médico** – Sim, Sargento? Estou ouvindo... Entendido... Irei o mais rápido possível...  
(*Desliga*) O líder da oposição acabou de ser encontrado enforcado em sua cela...

*O sacerdote fica afetado.*

**Sacerdote** – É horrível...

**Médico** – Estão me pedindo para constatar a morte e certificar oficialmente que se trata de um suicídio. Veja, Padre, o General, ao contrário, não hesita em matar seus opositores. Ele faz isso à luz do dia. E eu, como médico legista, tenho que encobrir esses assassinatos como suicídios.

**Sacerdote** – É uma infâmia... Você vai se prestar a essa farsa?

**Médico** – Há um momento, você queria apenas que eu obedecesse às ordens!

**Sacerdote** – Concordo consigo neste ponto. Quando as ordens são ilegítimas, é um dever desobedecer.

**Médico** – Eu disse como poderia terminar sem dor com essa escalada de violência...

*A ação para e a luz muda para um novo aparte.*

**Sacerdote (para o público)** – Não podendo confiar em Deus, preciso da vossa ajuda... Vocês são sacerdotes. O que fariam no meu lugar? Quem de vocês denunciaria este médico, depois de tê-lo ouvido em confissão, para preservar a vida de um homem que também se revela um tirano implacável? Levantem a mão. (*Tempo para alguns espectadores levantarem a mão*) Quem não diria nada e permitiria que este médico cometesse um assassinato negligenciando o tratamento do seu paciente? Levantem a mão. (*Tempo para alguns espectadores levantarem a mão*) Mas vocês não são sacerdotes, certo?

*A luz volta ao normal e a ação continua.*

**Sacerdote** – Devo admitir que me sinto impotente diante de tanta violência...

**Médico** – Se falar, terá minha morte na sua consciência... Viu como o General trata seus opositores. Eles também me encontrarão enforcado na minha cela... Você realmente vai me denunciar?

**Sacerdote** – Não, se me impedir...

**Médico** – Como poderia eu impedi-lo?

**Sacerdote** – Matando-me também...

**Médico** – É isso que deseja?

**Sacerdote** – Deixo-lhe a liberdade da sua escolha.

**Médico** – Para evitar ter que escolher você mesmo... Quem pensa que é, Padre, oferecendo-se assim em sacrifício? Para Jesus Cristo? Mas seu sacrifício não teria sentido... e não seria útil para ninguém.

**Sacerdote** – Jesus sacrificou-se para oferecer aos homens a possibilidade de reconciliação. De facto, esse é o próprio significado da palavra religião. Conectar os crentes uns aos outros. E também é o significado da Eucaristia. A comunhão entre todos os homens...

*Momento de hesitação. O médico parece ficar sem argumentos.*

**Médico** – Nesse caso... O jogo está feito, Padre... E é hora da injeção...

**Sacerdote** – Estou pronto.

*O médico prepara a injeção, sob o olhar do sacerdote.*

**Médico** – Não se preocupe, mal sentirá nada...

**Sacerdote** – Confio-me totalmente a você... como todos os seus outros pacientes.

*O médico administra a injeção.*

**Médico** – Ainda não quer beber algo?

**Sacerdote** – Gostaria de um copo de água.

**Médico** – Irei buscar...

*O médico sai. O sacerdote vê o arquivo na mesa. Ele pega, mas não abre. O médico retorna com um copo de água.*

**Médico** – Ah... Cuidado, Padre, segredo médico...

**Sacerdote** – De qualquer forma, seria incapaz de interpretar estas imagens...

*O médico oferece o copo de água e o sacerdote aceita.*

**Médico** – Aqui tem o seu copo de água.

**Sacerdote** – O último gole do condenado...?

**Médico** – Realmente estaria disposto a se sacrificar para evitar suas responsabilidades?

**Sacerdote** – Para evitar minhas responsabilidades, não. Para não ter que trair minhas convicções, talvez.

**Médico** – Não é isso uma forma de fugir da realidade para evitar enfrentá-la? Pergunto-me se não teria sido melhor ser monge, afinal de contas.

**Sacerdote** – Teria sido mais fácil, sem dúvida.

**Médico** – E tudo isso para salvar um homem que cometeu crimes contra a Humanidade.

**Sacerdote** – Deus cuidará de julgá-lo. Ou a justiça dos homens.

**Médico** – Por enquanto, a justiça é exercida por ele... E pretende fazê-lo em nome de Deus.

**Sacerdote** – Não concordo com esta nova Inquisição, acredite.

**Médico** – Mas você não fez nada para se opor... Depois da queda do regime, poderia ser chamado para testemunhar, sabe? Apesar do segredo de confissão... Vão lhe reprovar por ter colaborado.

**Sacerdote** – Sim... A si mesmo, de facto... É o médico pessoal do General. E por agora, não é conhecido por ser um opositor fervoroso... Não é verdade que está buscando garantir um futuro tranquilo ao abandonar o navio justo antes do naufrágio... depois de deixar o capitão se afogar?

**Médico** – Nem mesmo poderia passar por um resistente de última hora, infelizmente. Teria precipitado o fim do tirano, mas ao fazê-lo, teria traído meu juramento médico, então não poderia me orgulhar de tal feito.

**Sacerdote** – Você poderia assassiná-lo à luz do dia. Com um tiro de pistola. Como oficial, você possui uma arma e recebe regularmente o General em consulta.

**Médico** – Nunca serei um herói, temo. Nunca serei como Brutus apunhalando César diante do Senado reunido. Não tenho essa coragem. Ao contrário de você, não tenho o gosto pelo sacrifício. Na verdade, sou um covarde.

**Sacerdote** – Por isso esse assassinato furtivo lhe convém bem, não é?

**Médico** – O crime sem castigo... Mas também sem glória póstuma.

**Sacerdote** – Quanto ao castigo, isso ainda está por ver. Não será executado pela ditadura por ter assassinado o General, mas talvez seja condenado pelos libertadores por ter colaborado. Como eu...

**Médico** – Veja, para mim também não há uma solução boa. E além disso, você está certo. Eu o teria merecido, no fundo. No início, apoiei este golpe de estado. Para escapar do caos. Acreditei nos benefícios do retorno à ordem. Mas quando é imposto pelos mais fortes aos mais fracos, a ordem logo se torna um novo desordenamento.

**Sacerdote** – Lamentavelmente, tanto a ordem quanto o desordenamento são regidos pela lei do mais forte.

**Médico** – Então, o que fazer?

**Sacerdote** – O destino do Homem é caminhar sem mapa em um deserto sem caminho, em busca de um oásis que não existe. Por isso é melhor ter a Fé como companheira de viagem...

*O médico retira a imagem médica do processo.*

**Médico** – Ou a iluminação da ciência... Sabe o que é semiologia, Padre?

**Sacerdote** – É o estudo dos sinais. O fato de ter Fé não exclui o interesse pela ciência, Doutor. E vice-versa, também há crentes entre os maiores cientistas.

**Médico** – Em medicina, a semiologia é o estudo dos sintomas que permitem fazer um diagnóstico e, portanto, prescrever um tratamento. No final, os médicos são os herdeiros dos augúrios de outrora, que pretendiam ler o futuro nas entranhas dos animais.

**Sacerdote** – Eram os arúspices que na Antiga Roma liam as entranhas dos animais sacrificados. Os augúrios interpretavam mais o voo das aves...

**Médico** – Seja como for, esses adivinhos também são seus predecessores, não são?

**Sacerdote** – Sim. Antes fazíamos o mesmo trabalho, você e eu. Foi recentemente que os caminhos da ciência e da religião se separaram. Para o bem e, às vezes, para o mal...

*O médico retira a imagem médica e olha para ela.*

**Médico** – Ler os sinais... Afinal, a medicina ainda não é uma ciência exata... Poderia simplesmente ter me enganado... Aos olhos de todos, então, seria apenas um erro médico...

**Sacerdote** – Mas você saberá que deixou voluntariamente morrer um de seus pacientes.

**Médico** – Pensarei em todos que terei salvado.

**Sacerdote** – Como os adivinhos dos quais falava, acredita conhecer o futuro e ter a capacidade de influenciar sozinho o curso da História?

**Médico** – Sempre posso tentar...

**Sacerdote** – Como pode ter certeza de que a queda do ditador não será seguida por um banho de sangue? Por uma guerra civil? Por uma purga em grande escala? Esta ditadura poderia engendrar outra. Ainda mais sangrenta. A História nos mostrou que à Revolução pode seguir-se o Terror.

**Médico** – Então, o que fazer? Não fazer nada? Não resistir? Mesmo quando se é um covarde e se tem a oportunidade de fazê-lo sem correr nenhum risco?

**Sacerdote** – Não sei...

**Médico** – Você mesmo nunca tem má consciência?

**Sacerdote** – Sim... Mas acredito na palavra dada. No juramento que ambos fizemos. Cada um à sua maneira, pronunciamos votos. Devemos manter nossa palavra, aconteça o que acontecer. A própria lei, em sua aplicação, às vezes é injusta. Mas se não houver lei, não há civilização. E sem fé na palavra dada, não há Humanidade...

**Médico** – A palavra também pode ser uma arma. O ditador é quem dita. Que impõe sua própria lei. A lei do mais forte.

**Sacerdote** – E aquele que profere uma sentença de morte, por sua própria conta, em desprezo pela lei? Não se torna também um ditador em potencial?

**Médico** – As leis são feitas para serem interpretadas. Há momentos na vida em que a morte de um homem pode ser a menos má das soluções.

**Sacerdote** – Talvez hoje. Mas quando se coloca a mão nesse engrenagem infernal, está seguro de que não acabará nos esmagando completamente? Não é hora de, individualmente, decidirmos romper esse ciclo de violência?

**Médico** – Então, você também, como aquele futuro sacerdote, teria salvo Hitler de se afogar.

**Sacerdote** – Teria salvo uma criança. Não o teria condenado antecipadamente. Do contrário, teríamos que prender preventivamente todos os fundamentalistas porque poderiam se tornar terroristas. E prender todos os crentes porque poderiam se tornar fundamentalistas. Com isso, aqueles que nos governam logo colocariam na prisão todos aqueles que não pensam exatamente como eles...

**Médico** – Mas isso já acontece com esta ditadura com aparência de teocracia!

**Sacerdote** – De fato. Por isso aqueles que a derrubarem devem evitar reproduzir esse sistema mortífero a todo custo.

**Médico** – Você mesmo disse isso há um momento. Se soubermos que um homem vai cometer um atentado, não devemos detê-lo?

**Sacerdote** – Mas nunca se pode saber...

**Médico** – Nunca se pode ter certeza, eu concordo... mas às vezes é necessário se defender antes de ser atacado. Não é seguro que você nunca seja contaminado por um vírus, e no entanto aceita ser vacinado.

**Sacerdote** – Não se pode comparar os piores entre nós com vírus malévolos que precisam ser eliminados antecipadamente, negando-lhes assim toda humanidade. O mal está em cada um de nós em primeiro lugar. Cabe a nós lutar contra ele em nós mesmos, antes de lutar contra ele nos outros.

**Médico** – Eu lido com minha parte sombria. Mas isso não impedirá a mão do assassino disposto a golpear.

**Sacerdote** – Hoje em dia existem modelos para prever quem se tornará um criminoso. Dizem-nos que são modelos fiáveis, quase cem por cento. Deveríamos prender essas pessoas preventivamente?

**Médico** – Bem, se prende os loucos perigosos.

**Sacerdote** – Porque já não têm livre arbítrio...

**Médico** – E também se pode provocar um aborto porque um teste mostrou que o bebê seria trissômico.

**Sacerdote** – O que levanta a questão do eugenismo em geral... Deveríamos eliminar ao nascer todos os portadores de um gene de doença? Para que não se tornem um fardo para si mesmos e para a sociedade...

**Médico** – No caso do eugenismo, não estamos falando de criminosos.

**Sacerdote** – Alguns afirmaram ter identificado um cromossomo do crime... A ciência moderna nos devolve estranhamente à frenologia do século XIX, que pretendia detectar defeitos congênitos a partir da forma do crânio... Não estamos longe dos delírios pseudocientíficos dos loucos cientistas nazistas, que levaram a extermínios em massa. Com o funesto projeto de criar uma raça superior. Não se mede o grau de civilização mais pelo tratamento dispensado aos mais fracos?

**Médico** – Por enquanto trata-se mais do destino que deve ser reservado ao homem forte deste regime. Realmente acredita que o General ainda pode se redimir? E, além disso, qual seria a sinceridade desse arrependimento quando a multidão já tenta tomar o Palácio Presidencial...

**Sacerdote** – Será tarefa dos tribunais humanos julgá-lo. Levantando a questão de sua responsabilidade. Qual é a nossa parte de liberdade diante do determinismo? Essa é a questão... Se nosso destino está selado desde o nosso nascimento, já não somos homens, mas máquinas programadas antecipadamente. Não posso aceitar viver em um mundo assim... Se você pensa que alguns estão programados para fazer o mal, como outros para fazer o bem, então não há liberdade, não há responsabilidade e não há possibilidade de redenção. Bastaria separar o joio do trigo, cientificamente, até erradicar definitivamente todas as ervas daninhas. Não estaríamos então em uma sociedade totalitária?

**Médico** – Eu acredito na liberdade. Mas não é total... Um é mais ou menos livre para responder à pergunta, mas a pergunta nos é imposta. Vamos pegar o exemplo de uma família grande. Cada criança deve decidir em relação ao mesmo contexto. E cada um dá uma resposta diferente, de acordo com o que é e suas escolhas.

**Sacerdote** – Sim... Quando alguém foi vítima de violência, pode se tornar violento ou não. Nós nos determinamos nisso, é verdade. Mas quero acreditar no que hoje é chamado de resiliência.

**Médico** – De fato. Decidimos com base no contexto que nos é imposto e no que somos. Mas, realmente, temos escolha sobre o que somos?

**Sacerdote** – Você acha que o General estava destinado a se tornar ditador? Que não tinha escolha? E tira a conclusão de que deveríamos tê-lo eliminado ao nascer? Como o jovem Hitler, deveríamos tê-lo afogado?

**Médico** – Não sei... Acho, sobretudo, que este debate filosófico é um pouco vão... Enquanto sob as nossas janelas as pessoas lutam para mudar o curso da história.

*Ouve-se um momento em que se escutam os protestos na rua e rajadas de armas automáticas.*

**Sacerdote** – Por agora, infelizmente, como médico e como sacerdote, só podemos esperar impotentes para saber o que resultará deste confronto. Além disso... o que o levou a tornar-se médico?

**Médico** – Meu pai era cirurgião. Um dos meus irmãos é radiologista e o outro, dentista. Tenho uma herança pesada. E você? Suponho que seu pai não era monge.

**Sacerdote** – Meu pai era açougueiro... Não era crente e não aprovou minha escolha de me tornar padre.

**Médico** – Deve ter ficado desapontado por não haver ninguém para continuar com o açougue da família...

**Sacerdote** – Um filho padre... Preferiria que eu lhe anunciasse que era gay, creio...

**Médico** – É filho único?

**Sacerdote** – Tenho quatro irmãs. Nenhuma delas entrou para um convento, asseguro-lhe...

**Médico** – Um pai açougueiro... e você escolheu usar a batina.

**Sacerdote** – Tem filhos, capitão?

**Médico** – Tenho um filho.

**Sacerdote** – Se o seu filho fosse um criminoso e viesse até si, ferido, para ser curado, deixá-lo-ia morrer?

**Médico** – Provavelmente não.

**Sacerdote** – Ao tornar-me padre, decidi, como Nosso Senhor, considerar todos os homens como meus próprios filhos. Compreenderá que não posso aceitar deixar morrer nenhum, nem mesmo o pior deles.

**Médico** – Meu filho é mais corajoso do que eu. Neste momento está nas barricadas. Poderia ser morto a qualquer momento. Também é para salvá-lo que quero acabar o mais rápido possível com este regime, e portanto com este tirano.

**Sacerdote** – Mas ainda não está escrito. O pior nunca está seguro.

**Médico** – Temo que seja mais do que provável, infelizmente.

*Um momento. Novo tumulto lá fora.*

**Sacerdote** – De certa forma, compadeço-me... Deve ser muito triste viver num mundo onde a vida de cada um está determinada de antemão.

**Médico** – Embora para os criminosos, o determinismo seja uma boa desculpa para se eximirem de suas responsabilidades. Conhece esta outra história? Um homem vê uma serpente presa sob uma rocha. A serpente lhe suplica que a liberte prometendo não mordê-lo. O homem levanta a rocha e a serpente o morde. A serpente se desculpa com o moribundo explicando que é da sua natureza matar.

**Sacerdote** – Então também é da minha natureza não deixar que cometa este crime.

**Médico** – Até ao ponto de me denunciar, condenando-me a uma morte certa?

**Sacerdote** – Se não me deixar escolha.

**Médico** – Não o fará.

**Sacerdote** – Porque em vez de me injetar uma vacina, me injetou um veneno, como essa serpente de que falava?

**Médico** – Acha que fiz isso?

**Sacerdote** – Poderia ter deixado o General morrer sem me contar em confissão... Sua decisão já estava tomada, não? Por que se confessou comigo sobre este crime por vir?

**Médico** – Porque talvez precisasse de incentivo... Sou um covarde, disse-o. Precisava da sua bênção...

**Sacerdote** – Se realmente me injetou um veneno, saiba que o perdoo... E então também me poupará de um problema de consciência...

**Médico** – Era isso que queria, não?

**Sacerdote** – Orarei por si enquanto me restar tempo de vida...

**Médico** – Provavelmente é a primeira vez na história que um padre é assassinado durante uma confissão, e que absolve seu assassino imediatamente depois.

**Sacerdote** – Mesmo assim, lamento não ter conseguido convencê-lo...

*Um momento.*

**Médico** – Deveríamos jogar uma corda a um tirano que está se afogando...? Para enforcá-lo, talvez...

*O telefone toca. O médico atende.*

**Médico** – Sim, sargento... Sim... Quando? É terrível, de fato... Entendi... Está bem...  
(*Desliga*) O General acabou de sucumbir a um ataque cardíaco...

**Sacerdote** – Meu Deus...

**Médico** – Deus não tem muito a ver com isso, você sabe...

**Sacerdote** – Mas agora que o ato está consumado, posso absolvê-lo...

**Médico** – Sério?

**Sacerdote** – Se se arrepender sinceramente.

**Médico** – Não me orgulha em nada, de qualquer forma.

**Sacerdote** – Eu me contentarei com isso... Que Deus, Pai de misericórdia, que reconciliou o mundo consigo mesmo através da morte e ressurreição de seu Filho, conceda-lhe perdão e paz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu perdoo seus pecados, que você confessou, e o restauro à comunhão da Igreja. Que o Senhor esteja convosco.

**Médico** – Também me absolverá por tê-lo assassinado?

**Sacerdote** – Já o perdoei. Mas para absolvê-lo, o crime deveria ter sido realmente consumado, e eu já deveria estar morto... Terá que procurar outro confessor.

**Médico** – Entendi...

**Sacerdote** – Mas você realmente não me envenenou, certo?

**Médico** – E você? Realmente teria me denunciado?

**Sacerdote** – Quem sabe...

**Médico** – De qualquer forma, não morrerá de uma doença contagiosa... Está vacinado por alguns anos...

*O sacerdote se levanta para sair. O telefone toca. O médico atende.*

**Médico** – Sim, sargento... Obrigado por me avisar... *(Desliga)* Os manifestantes estão invadindo o palácio, em breve teremos que prestar contas de nossos atos...

**Sacerdote** – Deus nos ajude...

*O médico tira uma pistola de uma gaveta e a coloca em sua mesa.*

**Médico** – Ajude-se a si mesmo... e o Céu o ajudará.

**Sacerdote** – Contra quem planeja usar essa arma, capitão? Contra seus companheiros de ontem ou contra seus amigos de hoje, que provavelmente não o consideram um deles?

**Médico** – Veremos, Padre. Por agora, trata-se de salvar nossa pele. Não fiquemos aqui...

*Eles se levantam para sair.*

**FIM**

## O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque ([comediatheque.net](http://comediatheque.net)). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

## *Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português*

### **Comédias para 2**

A janela da frente  
Cara ou coroa  
Ela e Ele  
Encontro na plataforma  
EuroStar  
Há um piloto a bordo ?  
Nem sequer morto  
No fim da linha  
O Joker  
Os Náufragos do Costa Mucho  
Preliminares  
Réveillon na morgue

### **Comédias para 3**

Crash Zone  
Cuidado frágil  
Méngae à trois  
Plágio  
Por debaixo da mesa  
Sexta-Feira 13  
Um breve instante de eternidade  
Um pequeno assassinato sem consequências  
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

### **Comédias para 4**

Apenas um instante antes do fim do mundo  
Cama e Café  
Crise e castigo  
De volta aos palcos  
Denominação de Origem não Controlada  
Depois de nós, o dilúvio!  
Gay friendly  
Há algum crítico na sala?  
Há um autor na sala?  
O amor é cego  
O cheiro do dinheiro  
O contrato  
O cuco  
O genro perfeito  
Quarentena  
Quatro estrelas  
Retrato de família  
Sexta-feira 13  
Strip Poker  
Um caixão para dois  
Um casamento em cada dois  
Uma noite infernal

### **Comédias para 5 ou 6**

Bem está o que mal começa  
Crise e Castigo  
Flagrante delírio  
Nochebuena en la comisaría  
O Rei dos idiotas  
Pronóstico Reservado  
Réveillon na esquadra  
Sem flores nem coroas

### **Comedias para 7 ou mais**

A pior aldeia de Portugal  
A representação não está cancelada  
Batas brancas e humor negro  
Bem-vindos a bordo!  
Como um filme de Natal...  
Corações Abertos  
Crise e Castigo  
Dedicatória Especial  
Erro da funerária a teu favor  
Jogo de Escape  
O Jackpot  
Milagre no convento de Santa Maria-Joana  
Pré-histórias Grotescas  
Réveillon na esquadra  
Uma herança pesada  
Xeque-Mate

### **Comedias de sainetes (sketches)**

Breves do tempo perdido  
Cenas de rua  
Corações Abertos  
Ela e Ele  
Morrer de Rir

### **Monólogos**

Como um peixe no ar

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez  
podem ser baixadas livremente no seu site :*  
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.  
Todas as contrafações são puníveis,  
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Março de 2024

© La Comédiathèque  
ISBN 978-2-38602-176-3

Documento para download gratuito